

A caminho de Walachei: o adolescer *on the road* em *Tschick*

Carla Jeucken*

RESUMO

Neste trabalho, propomo-nos a refletir sobre a queda da autoridade dos pais e o conflito de gerações que atravessam a adolescência através do romance *Tschick*. Inicialmente, apresentaremos nosso método de abordagem dos recortes selecionados e informações sobre a obra. Em seguida, discorreremos sobre o encontro de Maik, narrador-protagonista, com Tschick, seu novo colega de escola imigrante, com quem viaja rumo a Walachei. Ao final, discutiremos sobre a queda da autoridade dos pais e o conflito de gerações, aspectos característicos da adolescência, baseando-nos na narrativa do personagem principal da obra literária.

Palavras-chave: TSCHICK; ADOLESCÊNCIA; PSICANÁLISE; SEPARAÇÃO; CONFLITO DE GERAÇÕES.

On the way to Walachei: adolescence on the road in *Tschick*

ABSTRACT

In this work, we propose to reflect on the fall of parental authority and the generational conflict in adolescence through the novel *Tschick*. Initially, we will present our method of approaching the selected clippings and information about the work. Next, we will discuss the meeting of Maik, the narrator and protagonist, with Tschick, his new immigrant schoolmate, with whom he travels to Walachei. At the end, we will discuss the fall of parental authority and the generational conflict, characteristic aspects of adolescence, based on the narrative of the main character of the literary work.

Keywords: TSCHICK; ADOLESCENCE; PSYCHOANALYSIS; SEPARATION; GENERATIONAL CONFLICT.

De camino a Walachei: la adolescencia *on the road* en *Tschick*

RESUMEN

En este trabajo, proponemos reflexionar sobre la caída de la autoridad parental y el conflicto de generaciones que atraviesan la adolescencia a través de la novela *Tschick*. Inicialmente, presentaremos nuestro método de enfoque de los recortes seleccionados e informaciones sobre la obra. A continuación, hablaremos de la amistad de Maik, narrador-protagonista, con Tschick, su nuevo compañero de escuela, inmigrante, con quien viaja a Walachei. Al final, discutiremos la caída de la autoridad parental y el conflicto de generaciones, aspectos característicos de la adolescencia, a partir de la narrativa del personaje principal de la obra literaria.

Palabras Clave: TSCHICK; ADOLESCENCIA; PSICOANÁLISIS; SEPARACIÓN; CONFLICTO DE GENERACIÓN.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC.

A perspectiva psicanalítica lacaniana e freudiana oferece-nos uma leitura particular acerca da lógica temporal na estruturação do aparelho psíquico, diferente da usual abordagem cronológica, segundo a qual haveria etapas de desenvolvimento se sobrepondo umas às outras, progressivamente, em direção à maturidade plena. Quando nos referimos à adolescência, pela perspectiva psicanalítica, esta é entendida como um período de transição da infância para a vida adulta, não delimitado pelos parâmetros etários que costumam ser utilizados nas tentativas de estabelecer, igualmente para cada sujeito, os pontos de início e término do trabalho subjetivo aí implicado. Tomada como uma travessia, podemos considerá-la pelos inúmeros impasses com que lida o sujeito e as soluções elaboradas frente a eles: pelo afastamento da autoridade dos pais, pelas novas identificações situadas fora do círculo familiar, pelo encontro com o real do sexo, pelos riscos aos quais os jovens se submetem, algumas vezes flertando com a morte. Neste trabalho, através da literatura, pretendemos refletir criticamente sobre essas questões. Para tanto, respaldar-nos-emos em recortes do romance *Tschick* (Herrndorf, 2012). Nosso foco será aquilo que julgamos o tema central da obra, a saber, a queda da autoridade dos pais, a separação que ela impulsiona e os efeitos que provoca quanto ao (re)encontro com o infamiliar.

Tschick nos interessa pelo que advém de sua estruturação narrativa. A história, traça o percurso errante do protagonista da trama, sempre sob sua própria perspectiva, rumo ao estrangeiro e sua lida com as consequências das escolhas que faz ao longo do caminho. Essa viagem com outro adolescente, cujo apelido intitula o romance, pode ser apreendida também como metáfora de outra travessia, aquela que experimenta a busca de satisfação no campo do Outro. Para discutir esses assuntos, este trabalho é iniciado com a exposição de nosso posicionamento referente à utilização de uma obra literária como meio de pesquisa. Depois, apresentaremos informações sobre a obra para situar o leitor quanto à questão principal que a atravessa e a sustenta e que tomamos como objeto de pesquisa. Em seguida, discutiremos sobre a amizade travada por Maik, narrador-protagonista, com Tschick, seu novo colega de escola, um alemão-russo com quem viaja rumo a Walachei. Ao final, trataremos da queda da autoridade dos pais e do conflito de gerações, pautando-nos na narrativa do personagem principal da referida obra.



A Abordagem da Literatura pela Psicanálise

Em diversas passagens do ensino de Lacan, encontramos problematizações sobre obras literárias se tornarem objeto de estudiosos como se elas fossem sintoma de seus autores. Freud se dedicou às artes e nos legou contribuições interessantes à psicanálise através das análises que empreendeu; no entanto, seus procedimentos recorrentemente resvalaram na psicobiografia dos artistas. Tomando outros parâmetros e objetivos ao considerá-la como objeto de investigação, Lacan nos adverte de que não cabe ao psicanalista interpretar a obra de arte como sintoma, ainda que indiscutivelmente haja transposição de elementos da vida do autor para a ficção, pois

a única vantagem que um psicanalista tem o direito de tirar de sua posição, sendo-lhe

esta reconhecida como tal, é a de se lembrar, com Freud, que em sua matéria o artista sempre o precede e, portanto, ele não tem que bancar o psicólogo quando o artista lhe desbrava o caminho (Lacan, 1964/2003, p. 200).

Considerando tais recomendações, sublinhamos que nosso material de análise se limita àquilo que a obra apresenta através de seus personagens e pela montagem da trama, onde “[o] herói (...) é estritamente idêntico às palavras do texto” (Lacan, 1959/1989, p. 44). Não importa a vivência do autor do romance ou informações biográficas sobre ele, pois a leitura aqui proposta não almeja elaborar uma psicobiografia, nem realizar um estudo patográfico dos personagens. Nosso intuito é extrair da obra alguma contribuição sobre o adolecer à psicanálise e, quiçá, contribuir com as discussões sobre o romance.

À Guisa de Contextualização: *Tschick*

Publicado pela primeira vez em 2010, *Tschick*, romance mais popular do escritor alemão Wolfgang Herrndorf, vendeu, somente na Alemanha, mais de dois milhões de cópias. Vertido para mais de vinte e quatro idiomas, o livro recebeu distinções alemãs como o *Clemens-Brentano-Preis* e o *Jugendliteraturpreis*. Em 2016, a obra foi adaptada para o cinema. Neste trabalho, restringimos nossas discussões à composição literária publicada na língua original¹.

Dividida em quarenta e nove capítulos, a narrativa é iniciada com o protagonista, Maik Klingenberg, um adolescente de catorze anos, acordando em um hospital. Nos primeiros capítulos, Maik oferece ao leitor alguns indícios sobre o que o teria levado até ali, referindo-se a um acidente que ele e outro adolescente chamado Tschick teriam sofrido. Nessas primeiras cenas, destaca-se a angústia decorrente da descoberta do jovem de que tem idade suficiente para responder judicialmente por seus atos. Maik compara sua reação com a de Tschick, com quem ele se identifica e toma como uma espécie de herói. Após certa contextualização e da caracterização do protagonista, a narrativa, em um movimento de retroação, escorrega do hospital (presente) para a rotina de Maik anterior à sua internação em um fluxo contínuo até chegar no incidente, quando novamente toca o presente para narrar o desfecho da história.

A transição da infância para a adolescência teria por característica suscitar questionamentos sobre os limites que separam a vida adulta e a infância, cujos pilares simbólicos mais consistentes são as leis que definem um marco etário para responsabilização judicial dos mais jovens pelos seus atos. De uma perspectiva psicanalítica, podemos afirmar que adolecer envolve um árduo e não cronológico trabalho subjetivo, no sentido de separar-se do Outro para aceder como desejante. O sujeito não se reconhece mais como criança, tampouco é tomado como um “adulto”. Situado em uma espécie de limbo, ele encontrará nas ofertas da cultura e do meio social algumas balizas que minimamente orientarão suas condutas no laço e que ao mesmo tempo empurram-no a separar-se das pessoas que outrora lhe serviam de referência. Tal separação envolverá o trabalho de luto pela perda da idealização dessas pessoas, nas quais o sujeito se enganchou para se constituir subjetivamente. Assim, situado em um espécie de limbo simbólico, com um trabalho doloroso por fazer, o jovem deverá buscar fora do círculo familiar uma nova vida, a vida verdadeira (Lacadée, 2011). Nossa leitura enfocará justamente esse aspecto do adolecer, desvelado primorosamente no romance.

O Impulso para o *On the Road* juvenil

Os primeiros capítulos da história servem ao narrador para situar o leitor quanto

à questão premente que estrutura a narrativa. Trata-se, para Maik, de separar-se de seus pais, movimento ao qual o protagonista acede via transgressão para se colocar como desejante. Essa questão subjetiva aparece atrelada ao confronto com a Lei por duas dimensões: tanto no que respeita à Lei paterna, herdada do pai, como nas referências legais sobre a imputabilidade de alguém por atos infracionais. As questões sobre a responsabilização sobre seus atos só se desvelam ao protagonista retroativamente, quando os policiais lhe revelam que aos 14 anos é ele quem responderá pelo roubo do carro e não seus pais. Daí advém o espanto e a angústia de Maik, demonstrando que ele não tem ideia do que significaria isso, como indicado no recorte a seguir:

Quando os caras disseram “catorze”, eu mijei na calça. [...] Fiquei tonto. Eu tentei agir como achei que Tschick provavelmente faria quando alguém dissesse a ele “catorze” e acabei me mijando de medo. Maik Klingenberg, o herói. [...] Estava o tempo todo claro que isso acabaria sim. Tschick com certeza não teria se mijado (Herrndorf, 2012, p. 7).

Note-se que o modelo de comportamento que ocorre a Maik nesta situação não é o de um adulto, ele não tenta espelhar sua reação no que ele supõe que um adulto faria ou como agiria, nem em seu pai, mas sim em seu colega de quinze anos, Tschick. Essa passagem marca a primeira referência ao distanciamento de Maik das instâncias parentais com as consequências, o desconforto e a angústia que dele decorrem. Nesse movimento, o adolescente procura em outros, fora do núcleo familiar, referências para seguir. Não por acaso, como veremos adiante, Tschick aparece como o herói de Maik – próprio título do romance é índice desse lugar que ele ocupa para o adolescente.

Concernente ao papel dos pais, na melhor das condições, estes deveriam estar dispostos a tal trabalho de separação. “Aos pais” remete à função que as figuras parentais desempenham, são aqueles que deixaram marcas inscritas na história do sujeito. Fundamentais para sua constituição subjetiva, não se trata necessariamente dos pais biológicos, nem da configuração familiar “tradicional”, mas sim das pessoas que serviram de referência ao *infans*. O mais importante é que estes que estão incumbidos de tal função possam aceitar a separação dos filhos sem vivenciá-la como uma perda narcísica (Alberti, 2004, p. 17).

Quanto ao jovem, ele deverá se deslocar do lugar fálico que teria ocupado enquanto criança, movimento que, quando mais ou menos bem-sucedido, culmina no reposicionamento da partilha dos sexos (Alberti, 2004, p. 8). Isto porque, terminado o período de latência, o jovem se deparará com o despertar das pulsões sexuais, agora com um novo objetivo sexual (*Sexualziel*) que canaliza as pulsões sexuais parciais, antes distribuídas pelas zonas erógenas, cuja satisfação provinha do autoerotismo, para as zonas genitais (Freud, 1905, p. 67). É no campo do Outro que ele precisará buscar o objeto de satisfação.

O lugar de criança parece se estreitar ao longo do tempo, o que empurra cada vez mais o sujeito a buscar novos caminhos e experiências, a fim de encontrar sua maneira própria de se haver com as inquietudes que o acossam. Na infância, o sujeito constrói um lugar fálico norteadado pelas marcas deixadas pelo encontro faltoso com o Outro, alienação fundamental na constituição subjetiva. Na adolescência, fica cada vez mais difícil colocar-se como objeto de completude do Outro. Por isso, ele deverá afastar-se cada vez mais do seu lugar de criança, “inicialmente localizado no lugar de objeto – dos cuidados, atenção e proteção do Outro” (Kosovski, 2014, p. 62).

Esse deslocamento ao campo do Outro também é provocado pelas mudanças corporais que surgem com a puberdade, ao mesmo tempo que demolem as soluções

infantis que serviam ao sujeito como forma de lidar com o furo no Outro. Ainda diante dos policiais, Maik aponta justamente para esse não saber fazer suscitado pelo tranco repentino do lugar de criança que ocupava

Eu gostaria de falar com meu advogado. Essa seria a frase que eu provavelmente precisaria dizer. Essa é a frase certa, na situação certa, como todos da televisão sabem. É tão fácil dizer “eu gostaria de falar com meu advogado”. Eles (os policiais) provavelmente morreriam de rir. O problema é que eu não tenho a menor ideia do que essa frase significa (Herrndorf, 2012, p. 9).

Diante da queda dos ideais erigidos e sustentados durante a infância e da falta de orientações que levariam o sujeito a supor um “como agir”, “como se comportar”, “o que fazer” e “como fazer”, é na fala recorrentemente escutada na televisão que ele encontra algum esteio, mesmo que precário, para lidar com a angustiante situação que vivencia. É curioso notar que, embora ele não saiba o que significa a frase sobre o advogado – alguém que deve interceder judicialmente para fazer valer a lei em defesa daquele que demanda seus serviços –, ele sabe que nessas circunstâncias, em que precisa responder por uma infração ou por um crime, precisará contar com essa instância simbólica, pois é ela que fará a mediação para que ele arque com sua responsabilidade no ocorrido ao mesmo tempo que deverá evitar que ele se submeta a um Outro arbitrário e cruel.

As travessias da adolescência, entretanto, não acontecem de um momento a outro, da noite para o dia. Ao longo do tempo, desde criança, ela é preparada, pois o *infans* entra em contato com pessoas fora do seu núcleo familiar, o que evidencia a falta do Outro, dando indícios das falhas dos próprios pais. O velamento da falta durante o período de latência pode funcionar de forma mais “efetiva” porque a criança não tem ingerência para tomar decisões sobre os rumos de sua vida, não tem desenvolvimento cognitivo para certas elaborações e nem o preparo corporal para lidar com o sexual. É com o despertar da adolescência que o cenário que serviu de anteparo ao real começa a ser desmontado ou furado. A escola, assim como a família, testemunharia as experimentações do adolescente ante a derrocada das idealizações e teria papel importante nessas circunstâncias que às vezes ocorrem de forma turbulenta, agressiva e arriscada.

O Afrouxamento dos Laços Familiares e o Papel da Escola nesse Contexto

Após as primeiras cenas no hospital, Maik se enreda nos acontecimentos que o levaram até o acidente. Ele menciona inicialmente a escola e a ausência de laços com seus colegas de turma. Conta que é apaixonado por Tatjana, uma menina que frequenta a mesma classe que ele, mas que sequer nota sua presença. Em seguida, Maik dá notícias sobre a configuração familiar na qual se insere. Sua mãe frequentemente é internada em clínicas de reabilitação por causa do vício em álcool, enquanto seu pai, um fracassado corretor de imóveis, está sempre ocupado ou ausente, como informa a Maik, por causa das viagens a trabalho que faz com sua secretária e amante.

A estrutura narrativa pode soar, a princípio, um tanto clichê pela equação comum que aparentemente arma: pais ausentes + problema com alcoolismo = filho problemático ou sintomático. Com uma leitura atenta, porém, é possível apreender rapidamente a sofisticação do enredo, conjugada com a exploração detalhada daquilo que se passa com o protagonista. Maik não aparece como o filho problemático

consequência direta dos sintomas dos pais, mas como sujeito, ainda ingênuo, que tenta se haver com as questões que o atravessa da maneira como pode, com o que tem à mão. O que observamos, afinal, é um jovem adolescente lidando com os desencontros da vida e as consequências que advêm das escolhas que faz ao longo do percurso.

Na infância, a escola já desempenha uma importante função de socialização, uma vez que é um dos primeiros lugares fora do núcleo familiar onde o sujeito poderá estabelecer novos laços e laços mais consistentes. Na adolescência, o papel da instituição pode tornar-se ainda mais proeminente, já que é o local onde, comumente, o jovem passa mais tempo de sua rotina, onde fará novas identificações e descobertas. As instituições também podem servir como local privilegiado para manifestação de interesses e preferências em esportes, músicas, artes. No espaço escolar, o adolescente busca, muitas vezes, as referências a novos ideais, tentando pertencer a certos grupos.

Freud fez questão de chamar atenção para uma das funções da escola concernentes aos adolescentes que ela acolhe, a saber, que elas [as escolas] devem ensinar aos adolescentes o gosto pela vida, oferecer-lhes apoio e amparo em uma época em que eles são impelidos, pelas condições de seu desenvolvimento, a afrouxar a ligação com a casa de seus pais e com a família (Freud, 1910/1943, p. 62). Freud também critica a atuação dessas instituições, que estariam muito aquém do seu papel de oferecer aos jovens um substituto da família e de despertar o interesse pela vida mundo afora (Freud, 1910/1943, p. 62). Nos primeiros capítulos da novela, a escola que encontramos é uma instituição que, de fato, não oferece esse suporte a Maik. Além de não se identificar com seus colegas, ele tampouco encontra acolhimento por parte do professor, quando apresenta uma redação para a turma falando de sua mãe e dos problemas graves pelos quais ela passa por conta do etilismo. O professor toma essa apresentação como algo preparado para divertir ou se exibir para os colegas e repreende Maik duramente. É nesse enquadre, crucial para o desdobramento da trama, que ele conhecerá Tschick, com quem “fugirá” de casa rumo a um Outro lugar.

Tschick e o Infamiliar

Com as indicações do protagonista sobre sua vivência escolar, sua relação com seu professor e sua sensação de ser preterido na turma, o leitor concebe o enquadre no qual se dá a chegada repentina de Tschick, no meio do ano letivo, e as condições de seu encontro com o novo colega de classe. Ao apresentá-lo à turma, o professor conta que ele pertence a uma família de descendência alemã, mas sua língua materna é o russo. Tschick, apelido de Andrej Tschichatschow, um jovem alemão-russo de quinze anos, é descrito por Maik como um rapaz desajustado e extremamente pobre, que provoca mal-estar na classe e chega na escola bêbado ou cheirando à bebida alcoólica.

Tschick causa estranhamento pela infamiliaridade com que faz Maik (e a escola) se confrontar: “desde o começo eu não conseguia aguentar o Tschick. Ninguém conseguia. Ele era um antisocial (*Asi*) e aparentava ser isso mesmo” (Herrndorf, 2012, p. 41). O termo alemão *Asi*, usado para se referir a Tschick, possui conotação discriminatória e geralmente é atribuído a marginalizados, àqueles que supostamente seriam prejudiciais à sociedade, de baixo nível intelectual, sem estudos ou cultura. Pelo olhar do Outro, desse Outro nada acolhedor, Tschick é o elemento problemático da turma, da sociedade. O encontro de Maik com ele teria sido da ordem do encontro com o *Unheimliche* (Freud, 1919/2019): daquilo que provoca mal-estar e é localizado no outro, mas que, estranhamente, ao mesmo tempo lhe seria familiar e íntimo. Com o conceito de êxtimo, elaborado por Lacan, fica mais clara a localização desse objeto que angústia e provoca repulsa, que é reconhecido fora de si, mas concomitantemente, no

interior do sujeito (Lacan, 1959-60/1991; 1968-69/2008). O neologismo lacaniano estabelece uma dimensão topológica que situa o objeto nesse ponto de interseção entre o sujeito e o Outro (exterior + íntimo: êxtimo).

Segundo os tradutores da mais recente publicação do artigo de Freud *Das Unheimliche*, essa “palavra-conceito” de Freud faz sobressair algo fundamental acerca do que “um estrangeiro nos aporta, especialmente quando esse algo é absurdamente familiar e doméstico” e ao mesmo tempo “claramente exótico e ameaçador, pelo menos da perspectiva de nossa suposta integridade identitária, que resiste a assimilar o estrangeiro” (Ianini & Tavares, 2019, p. 14). Em Tschick, a questão aparece caracterizada não só pelo seu comportamento disruptivo, mas também por sua descendência alemã e sua língua materna, o russo. Estranhamento e migração são elementos que, há bastante tempo, recorrentemente, são confusamente aproximados e abordados em discussões políticas acaloradas acerca da recepção de estrangeiros (migrantes, refugiados, turistas). Lamentavelmente, nessas circunstâncias, é comum vislumbrarmos um movimento de repulsa, quando o estrangeiro é tomado como uma ameaça à suposta e idealizada pureza cultural e linguística, ou à integridade dos cidadãos e das tradições dos países de chegada.

Vale notar que dentre os países que mais dificultam a entrada e a permanência legais de migrantes estão aqueles que mais se beneficiaram de mão de obra estrangeira para se erguerem e se desenvolverem, incluindo aquela de ordem especializada, intelectual e científica, quando não foram colonizadores dos países de onde provêm os imigrantes que rechaçam, especialmente refugiados. A própria cultura alemã advém de um contexto multicultural e linguisticamente multifacetado que remonta a momentos anteriores à sua constituição como Nação. No pós-guerra, especialmente nas décadas de 1950 e 1960, foram os imigrantes provenientes de países vizinhos que reergueram o país. E ainda hoje, Alemanha e outros países estão dependendo da chegada de estrangeiros para suprir a falta de mão de obra especializada. Não se sabe ao certo a procedência da família de Tschick, mas pelas conversas que tem com Maik, sua família é proveniente da Rússia, de regiões colonizadas por alemães², a convite da imperatriz Catharina, a Grande. Interessante é notar, sobre essas referências presentes na obra, a ambiguidade que esses elementos comportam: Tschick tem o russo como língua materna, mas o que ele nos deixa entrever é a ambiguidade constitutiva do personagem cujos antepassados eram alemães. Ao mesmo tempo, o personagem encarna o estrangeiro e familiar.

Em meio às especulações acerca da procedência de seu novo colega, algo desperta a curiosidade de Maik, a despeito da repulsa que ele lhe provoca. Tschick é transferido de uma *Förderschule* para o *Gymnasium*, onde conhece Maik. O sistema educacional alemão é rigidamente dividido e somente ingressam no *Gymnasium* os alunos que, ao longo do ensino primário, se destacaram pelo seu excelente desempenho. No geral, são os estudantes que frequentam o *Gymnasium* os previamente habilitados a se candidatarem ao ingresso na universidade, enquanto as outras escolas preparariam seus alunos para outras atividades profissionais e formações que não passariam pela universidade. Maik percebe com estranhamento essa mudança escolar gigantesca: “que alguém tenha conseguido ir da *Förderschule* para o *Gymnasium* era absurdo o suficiente” (Herrndorf, 2012, p. 47). Efeito dessa imbricação inquietante de enigma e suposto saber endereçados a Tschick, e pela identificação com o lugar de *outsider* que ele presentifica para Maik, incrementado ainda pela dor e sensação de desamparo por conta da rejeição da menina por quem é apaixonado, Maik topará a travessia com o novo colega.

Walachei: um Nome para o Êxtimo?

A virada do momento presente, no hospital, para o movimento retroativo de Maik quando começa a lembrar e a falar sobre sua vida antes do acidente, aparece na obra após um médico lhe perguntar o que ele e Tschick pretendiam e pra onde eles queriam ir com o carro roubado. Titubeante, o capítulo acaba com a resposta de Maik: “a gente queria ir a Walachei” (Herrndorf, 2012, p. 20). Walachei é um termo interessante para refletir criticamente sobre a questão do êxtimo na adolescência, pois nos remete à busca pela “vida verdadeira”, nos termos de Lacadée (2011). É pelo encontro com Tschick que encontramos a arrancada do romance. Trata-se de um *on the road* juvenil muito bem amarrado, no qual a aventura verdadeira tem a ver mais com a subjetivação do personagem do que com a viagem propriamente.

A proposta da viagem não é aceita por Maik imediatamente. Após um primeiro contato na escola e de ter sido repudiado por Maik, Tschick aparece repentinamente em sua casa e convida Maik a viajar com ele em um carro antigo roubado. Tschick propõe que eles viajem até Walachei, cidade fora da Alemanha onde residiriam seus parentes. Mas para Maik, Walachei é “somente uma palavra” (Herrndorf, 2012, p. 97), usada como nomeação metafórica para um lugar qualquer distante, como se ele não existisse realmente sem um significado específico. O mal-entendido sobre Walachei ser ou não um lugar situado de fato no mundo, ou apenas um vocábulo que se referiria a um lugar remoto, surge da ambiguidade que o termo comporta e do desconhecimento dessa ambiguidade para ambos. Walachei seria o nome de um povoado situado no sul da atual Romênia, como indica Tschick, mas o significante, quando utilizado informalmente, serve como uma espécie de expressão para designar um lugar remoto ou longínquo, de localização imprecisa como tenta explicar Maik ao colega. Na língua portuguesa, haveria algo parecido com o uso do significante “Cochinchina” que serve também para designar um lugar impreciso, longe ou inexistente, mas que fora de seu sentido metafórico, designa, de fato, uma região no Vietnã.

De uma perspectiva psicanalítica, podemos reconhecer no significante Walachei uma nomeação para o estrangeiro localizado fora do espaço de conforto de Maik, enquanto para Tschick ele remete ao oposto, ao que lhe é familiar – ele diz a Maik que seus familiares, que seu avô mora lá. Assim, mesmo que os dois personagens falem a mesma língua, desvela-se, pelo mal-entendido, a singularidade do que está em jogo pra cada um. Embora viajem juntos, o que está em questão para cada um dos adolescentes exige direções distintas de trabalho subjetivo. Enquanto Tschick tenta se afastar desse Outro hostil que o rechaça, aterrorizante, partindo em direção ao ambiente familiar situado fora da Alemanha, a partida de Maik busca experimentar esse Outro lugar, afastado do núcleo familiar, já que “quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra a sua volta, menos é atingida pela impressão de infamiliaridade quanto às coisas ou aos acontecimentos” (Freud, 1919/2019, p.33).

A viagem no carro roubado, por mais que seja uma transgressão, não parece figurar como uma rebeldia agressiva contra as autoridades. Do lado de Maik, se for situada em sua história precedente, ela pode ser lida como uma tentativa de separação desse Outro, de uma maneira precipitada e irresponsável, muito comum na adolescência, quando o agir entra várias vezes em cena, levando os jovens a colocar-se em risco. Do lado de Tschick, a travessia envolve uma busca por um lugar talvez menos angustiante. Isso não exige os jovens de responderem por seus atos arriscados e transgressores. Quando se fala em “conduta de risco”, referimo-nos a um traço em comum no agir durante essa transição chamada adolescência, traço que seria a “probabilidade considerável de se machucar ou de morrer; de prejudicar o futuro

pessoal ou pôr a saúde em perigo: toxicomanias, alcoolismo, direção perigosa, tentativas de suicídio, distúrbios alimentares, fugas etc.” (Lacadée, 2011, p. 56).

Uma outra consequência do agir no processo de adolescer pode ser a evasão escolar, ainda mais quando as condutas de risco são assumidas como “modo de vida” e há ainda a chance de se tornarem “passagem ao ato” (Lacadée, 2011, p. 56). No caso da errância ao lançar-se no mundo, esta é mais uma das condutas, impulsionada pelos anseios adolescentes, como aponta Lacadée na seguinte passagem:

Algo o impele a ultrapassar os muros da casa da família, pois, para ele, é fora de seus domínios que se encontra a vida verdadeira, o que ele crê ser o mundo real que o conduz a rejeitar os semblantes do Outro que até então o velam. Sair, sozinho ou com os outros, encarna esse desejo de outro lugar, esse demônio (...) que faz abrir a porta do desconhecido e sair errante pelo meio-dito da língua, e se origina do mais íntimo do ser, enlaçando-o ao mais longínquo num ponto de *extimidade* (...) (Lacadée, 2011, p. 32).

Walachei, portanto, é o termo que nomeia esse outro lugar almejado por Maik. Ele só aceita, porém, lançar-se no mundo em busca desse lugar estrangeiro que reconhece fora de si, quando o termo ganha alguma significação para ele, isto é, quando deixa de ser totalmente infamiliar. Incrédulo quanto à afirmação de Tschick de que seus parentes moravam lá, visto que estava certo de que o nome serviria para designar qualquer localização imprecisa e distante, Maik busca na internet informações sobre seu significado e, só então, decide partir:

Antes de ir pra cama, liguei novamente meu computador. Encontrei quatro e-mails do meu pai, que se queixava por eu ter desligado meu celular [...] e eu precisava ainda pensar numa desculpa e explicar pra ele que estava tudo ótimo aqui. E estava mesmo. E como não me ocorreu nada e eu não estava com a menor vontade de responder esses e-mails, abri outra aba e procurei na Wikipedia “Walachei” [...] foi então que eu realmente comecei a considerar... (Herndorf, 2012, p. 100)

Antes de pesquisar sobre Walachei, Maik lembra dos últimos acontecimentos com a menina por quem é apaixonado: “(...) nesse momento eu daria qualquer coisa pra estar em Walachei ou em qualquer lugar no mundo, menos em Berlim” (Herndorf, 2012, p. 100). Maik sabe muito pouco sobre a menina, Tatjana Cosic, nunca sequer conversou com ela. Uma das poucas coisas que ele ressalta ao leitor é sua descendência também estrangeira, pelo seu sobrenome. Os pais dela seriam provenientes da Sérvia ou da Croácia. O desejo pelo estrangeiro, onde se situa o objeto *a*, fora da zona familiar permeia toda a trama. Como mencionado, o despertar da adolescência tem a ver com um deparar-se com o real, seja pela via sexual ou mortífera.

O mal-estar de Maik pelo desencontro amoroso, a sensação de querer estar em outro lugar, precede a cena em que Maik ignora os e-mails de seu pai, mantém o telefone desligado e começa a pensar em ir para Walachei. Essa sequência remete-nos à pontuação de Lacadée, sobre as atitudes dos jovens que os colocam em risco terem diversas origens, sendo provenientes, por exemplo, “da indiferença familiar, do sentimento de não contar, (...) da superproteção e da “juvenildade” de muitos pais, que se identificam com os filhos e se recusam a assumir as responsabilidades que lhe cabem” (Lacadée, 2011, p. 57). O que haveria em comum na base de tais comportamentos seria a desorientação do jovem quanto aos limites insuficientemente

estabelecidos ou jamais dados (Lacadée, 2011, p. 57).

Reconhecemos a falta de orientação mencionada por Lacadée (2011) em diversas passagens do romance, antes e depois da viagem dos meninos. Uma das cenas mais emblemáticas da desorientação deles é ilustrada pelas inúmeras tentativas de decidir a direção que deverão seguir para chegar ao destino pretendido. A discussão dos protagonistas e as tentativas de solução demonstram também o quanto as soluções utilizadas na infância pela via do brincar e do fantasiar já não servem mais para dar encaminhamento aos impasses com que se deparam. Destacamos aqui uma dessas passagens, justamente por indicar não só a desorientação, mas também esse fracasso das construções infantis:

Walachei fica na Romênia e a Romênia fica no sul. O problema é que nós não sabíamos onde ficava o sul. Eu tinha essa bússola pequenininha num chaveiro que veio de uma máquina de chicletes, mas dentro do carro ela apontava para qualquer lugar, menos pro sul, e fora dele ela apontava pra onde ela queria (Herrndorf, 2012, pp. 104-5).

Na cena, Maik tenta fazer uso de um brinquedo para se orientar (na época do lançamento do romance, ainda não havia celulares com GPS e tantas outras funções como as que encontramos atualmente). Assim, o percurso trilhado é desenhado conforme os acontecimentos, as conveniências e sobretudo as possibilidades e contingências que se apresentam ao longo do caminho, gerando os desdobramentos e os efeitos de imprevisibilidade que compõem boa parte das aventuras *on the road*. Eles são bruscamente interrompidos devido a um acidente, corte que redireciona o leitor à retomada da questão explicitada no início da narrativa, quando Maik se encontra às voltas com os impasses sobre sua idade, sobre ser adulto, sobre responsabilizar-se pelo desejo.

Conflito de Gerações e Progresso da Cultura

Herrndorf, autor do romance, contou em uma entrevista que a ideia principal de Tschick surgiu de uma ocasião em que ele releu novamente os livros de sua infância e adolescência para descobrir se eles realmente eram livros bons como ele tinha na memória e também para ter ideia de que tipo de pessoa ele era aos 12 anos. O que ele notou com sua imersão infantojuvenil foi que os livros tinham três similaridades: grandes viagens, águas, e, o que nos interessa mais aqui, nas histórias ocorria sempre uma rápida eliminação dos adultos como pessoas de referência (Herrndorf, 2011, s.p.). Em Tschick, o autor tentou unir esses três aspectos. Frisamos o último, pois é justamente essa característica do livro que privilegiamos neste trabalho e que aparece como motor do romance, mesmo que implicitamente.

As escolhas que os adolescentes fazem para tentar separar-se de suas referências adultas e o posicionamento deles quanto a essas escolhas podem ter consequências dramáticas, como aquelas narradas em *Tschick* no desenlace da obra. Para que a separação ocorra de uma forma menos conturbada, os pais precisam estar dispostos ao trabalho que ela exige. Na obra, esse conflito é marcado pela discussão entre Maik e seu pai após o acidente, quando o pai tenta definir o que Maik deveria dizer ao juiz em seu depoimento sobre as infrações que cometeu.

Maik discute com seu pai por conta de seu posicionamento, por se recusar a responder do lugar de vítima que teria sido ludibriada e por se negar a fazer o papel do menino ingênuo de classe média que teria sido levado para o mau caminho por Tschick,

que lhe serviria de bode expiatório. A intenção do pai de Maik é culpabilizar e responsabilizar somente Tschick pelo ocorrido. A discordância entre Maik, que pretende contar a verdade, e a exigência de que ele culpe seu amigo, toca em uma questão narcísica do lado do pai, que sente sua imagem supostamente íntegra e bem-sucedida ser ameaçada frente à sociedade e seus supostos clientes: “você acha que você está sozinho no mundo? Você acha que isso não irá nos atingir? (...) Como é que eu vou vender casas às pessoas, se meu filho rouba o carro delas?” (Herrndorf, 2012, p. 228). Tal posicionamento revela um incômodo que não tem a ver com sustentar o desejo do filho, tampouco com o risco que seu filho correu ao dirigir um carro roubado pelas estradas alemãs. O risco parece estar somente do lado do pai, risco de ser ferido narcisicamente quando Maik transgride a lei. Quanto a Maik, lembremos que se trata de um jovem experimentando a instabilidade de seus antigos ideais. Diante da relevância que seu pai atribui a uma imagem ideal, vale lembrar que

Não há sujeito a quem mais incomode a expressão do adulto “O que os outros vão dizer?!” do que o adolescente. Ela remete à falha daquele que o adolescente identifica como Outro, põe à mostra a sua insuficiência de sustentar o que diz ou, mesmo, de romper com os ditos para dizer o que bem entende. Por outro lado, e ao mesmo tempo, tal falha destrona aquele que ele colocara no lugar do Outro! No fundo, o Outro barrado do sujeito a essa altura já está incorporado e já se iniciou um grande trabalho de desconstrução do Ideal até então suposto nos pais (Alberti, 2004, p. 65).

Assim, para Maik o que se ratifica com a preocupação paterna é o desvelamento de sua falta. Maik fica ante a queda dos despojos de um pai outrora idealizado e que se mostrará um transgressor – que mente ante o juiz – em prol de seu próprio benefício. Maik é um adolescente e, como tal, possui a afiada habilidade de apontar o furo no Outro. Na continuação da cena, ele revela a seu pai aquilo que este já sabe: que ele não vende casa nenhuma, já que é um corretor fracassado. Nas entrelinhas, Maik tenta apontar que o problema do pai com o ato infrator é outro, não tem a ver com as casas que ele deixaria de vender. Maik é interrompido pelas agressões do pai que o espanca.

As condutas de risco são formas de tentar se situar no mundo e de buscar os limites que já deveriam ter sido dados. Elas podem ser concebidas como formas de ritualizar a passagem da adolescência à vida adulta (Lacadée, 2011, p. 57) e nessas circunstâncias é necessário o dom do amor por parte dos pais para que essa separação não signifique para eles uma perda narcísica (Alberti, 2004, p. 17). Assim, embora possa haver por parte do pai o desejo de sustentar a vida do filho, podemos dizer que a lei paterna não funciona bem quando o pai em jogo é o pai cruel e não o pai do desejo (Alberti, 2004, p.8).

Uma das referências mais interessantes quanto à função do pai que aponta para o desejo e para a vida pode ser encontrada no célebre personagem, tantas vezes mencionado no meio psicanalítico, de *O despertar da primavera* de Wedekind (1891/2000), o homem mascarado. Este aparece no final da peça e oferece ao adolescente Melchior uma possibilidade de aposta na vida ao oferecer-lhe nada menos que uma xícara de chocolate quente. É um personagem surpreendente, fantástico e destoante do arranjo realístico da obra, o que facilita a leitura de que ele aponta presentifica uma função e não um pai ou homem da realidade. Mas o pai de Melchior, também tem uma postura interessante frente à transgressão cometida pelo filho. Ao saber do crime do menino, sua mãe planeja não enviá-lo para a casa de correção, mas o pai do menino intervém, barrando a mãe, indicando que Melchior deverá se responsabilizar pelo ato que cometeu. Muito diferente do pai de Maik que, com a manipulação do filho, pretende que esse se exima da responsabilidade quanto às

infrações cometidas colocando-se como vítima para, com isso, o pai salvaguardar a imagem imaculada ideal e integral que supõe de si mesmo. Por sorte, a discordância de Maik, a despeito do conflito de gerações que ela instaura e do alto preço que ele paga quando insiste que dirá a verdade ao juiz, marca aquilo que Freud nos indicou como o processo dolorido que move as culturas e provoca cortes e mudanças entre as gerações:

Contemporaneamente à subjugação e ao repúdio dessas fantasias claramente incestuosas, consuma-se uma das realizações psíquicas mais significativas, porém também mais dolorosa, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, unicamente através do qual se cria a oposição, tão importante para o progresso da cultura, entre a nova e a velha geração (Freud, 1905, p. 67, tradução nossa).

Apontamentos Finais

Através dessa exposição, buscamos tecer uma leitura que contribuísse para as discussões sobre a adolescência, a partir do que a narrativa de Maik oferece aos leitores, ou seja, baseando-nos na palavra do personagem e na forma como os impasses vivenciados por ele são transmitidos pela estrutura do romance. Nossa perspectiva afastou-se da pressuposição desenvolvimentista da adolescência, pois com a psicanálise interessa-nos os deslocamentos singulares do jovem em suas tentativas de atravessamento desse período tão delicado e, ao mesmo tempo, tão decisivo. A viagem de Maik e Tschick, a errância em que eles se lançam, cada um com suas questões, é emblemática das experimentações arriscadas engendradas pelo adolescer.

O luto decorrente da queda da autoridade dos pais e a irrupção do sexual na adolescência impelem o jovem a procurar satisfação fora dos círculos familiares, em uma região de extimidade. Nesse movimento, recorrentemente, o adolescente se envolve em situações embaraçosas, em condutas de risco, por motivações singulares atreladas à dinâmica familiar na qual se constituiu subjetivamente e que, com o fim do período de latência e o começo da puberdade, exigirá retificações de seu posicionamento subjetivo. Isso culmina na queda dos ideais sustentados na infância, circunstância de onde advém a desorientação dos adolescentes, que precisarão fazer um trabalho de luto por essa perda dos pais imaginarizados concomitante à criação singular de um saber fazer com o real.

Embora o foco da obra recaia sobre as aventuras desencadeadas pela partida de Maik rumo a Walachei, ressaltamos que, do começo ao fim, a história é atravessada por uma questão principal concernente à responsabilidade inerente ao próprio atravessamento da adolescência. No romance, isso é disparado por esse encontro com Tschick, o personagem estrangeiro, que oferece uma brecha por onde Maik escapa para experimentar esse afastamento do círculo familiar, onde já não encontra esteio para lidar com o desamparo que vivencia. O estilo *on the road* que enquadra a obra faz jus a esse movimento de quebra de valores tradicionais, de busca por aventuras que envolvam novas descobertas, experimentações, experiências significativas e o contato com o estrangeiro característico da adolescência. A obra também nos serve para abordar questões da adolescência atreladas aos debates contemporâneos referentes à imigração, ao papel da escola etc. São temas antigos que também atravessam e geram conflitos entre gerações, que se apresentam em novas roupagens, suscitando e renovando debates conforme o horizonte das diferentes épocas nas quais emergem. Para finalizar, frisamos que esse trabalho se baseia nos elementos, trazidos pelo enredo e pela caracterização dos personagens, que são característicos do adolescer, alinhavados pela práxis psicanalítica, mas essa leitura está longe de desembocar no entendimento de que haveria um destino inefável para qualquer e para todo adolescente. Isto porque, cada um, à sua

maneira, precisará lançar-se no trabalho árduo de lidar com o real, escolhendo os rumos e os meios através dos quais se lançará nessa empreitada.

Referências

- Alberti, S. (2004). *O adolescente e o Outro*. Rio de Janeiro: JZE.
- Freud, S. (1905). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. Acesso em 24 de maio de 2023, de https://archive.org/details/Freud_1905_Drei_Abhandlungen/mode/2up. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1910). Zur Einleitung der Selbstmord-Diskussion. In A. Freud. *Gesammelte Werke Band 8*. (S. 61-64). London: Imago. (Original publicado em 1943).
- Freud, S. (2019). O infamiliar/Das Unheimliche. In G. Iannini; P. Tavares (orgs. e trads.). *Obras incompletas de Sigmund Freud*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1919).
- Herrndorf, W. (2011). Wann hat es “Tschick” gemacht, Herr Herrndorf? Kathrin Passig, im Gespräch: Wolfgang Herrndorf. Acesso em 24 de maio de 2023, de https://www.deutschestheater.de/download/268/kathrin_passig_im_gespraech_mit_herrndorf_faz_.pdf
- Herrndorf, W. (2012). *Tschick*. Berlin: Rowohlt.
- Iannini, G. & Tavares, P. H. (2019). Freud e o infamiliar. In: G. Iannini; P. Tavares (orgs. e trads.). *Obras incompletas de Sigmund Freud* (pp. 7-25). Belo Horizonte: Autêntica.
- Kosovski, G. F. (2014). Construção da imagem de si, desestabilização e adolescência, *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66 (1), 61-71, Acesso em 24 de maio de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672014000100006
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Lacan, J. (1989). Hamlet, por Lacan. In: J. Lacan. *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim. (Original proferido em 1959).
- Lacan, J. (1991). *O Seminário 7 – A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: JZE. (Original proferido em 1959-60).
- Lacan, J. (2003). Homenagem à Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol v Stein. In: J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: JZE. (Original proferido em 1964).
- Lacan, J. (2008). *O Seminário 16 – De um Outro a outro*. Rio de Janeiro: JZE, 2008. (Original proferido em 1968-69).
- Wedekind, F. (2000) *Frühlings Erwachen*. Stuttgart: Reclam. (Original publicado em 1891).

Notas:

1. Todas as traduções das citações de *Tschick* são nossas.
2. Na época, a Alemanha ainda não havia se constituído como uma nação, mas fala-se em “alemães” por causa do compartilhamento da mesma língua materna entre os habitantes da região pertencente ao Império Austro-Húngaro.

Citação/Citation: Jeucken, C. (2023). *A caminho de Walachei: o adolescer on the road em Tschick*. Trivium: Estudos Interdisciplinares (Ano XV, no. 2.), pp. 15-28.

Recebido em: 24/05/2023
Aprovado em: 10/09/2023